

SER E LINGUAGEM EM MERLEAU-PONTY

Alex de Campos Moura¹

Resumo: Neste artigo, procuraremos mostrar que há na análise merleau-pontyana da linguagem um projeto ontológico implícito, baseado na tentativa de desvelar uma estrutura de Ser em que lógica e contingência, unidade e diversidade, encontram-se constitutivamente ligados, fazendo do subjetivo e do objetivo momentos reversíveis em uma totalidade comum.

Palavras-chave: Ser – linguagem – ontologia

“O que me é ensinado pela fenomenologia da linguagem (...) é uma nova concepção do ser da linguagem, que é agora lógica na contingência, sistema orientado, e que entretanto elabora sempre os acasos, prosseguimento do fortuito na totalidade que tem um sentido, lógica encarnada.”²

Em seu ensaio *Sobre a Linguagem Indireta e as Vozes do Silêncio*, que trata explicitamente da questão da linguagem, uma das questões que norteia a análise de Merleau-Ponty é seu esforço em mostrar que a linguagem não se reduz nem a um objeto ideal do pensamento – como pretendia Husserl no início de sua carreira, quando defendia a possibilidade de uma eidética da linguagem que daria acesso a uma gramática universal³ – e nem a uma soma de acasos, revelando-se como movimento único e espontâneo por meio do qual a contingência se faz significação, o sentido se torna existência. Como antecipa o trecho citado acima, há na análise merleau-pontyana da linguagem um projeto implícito, que procuraremos aqui compreender: a tentativa de desvelar um tipo de Ser em que lógica e contingência, unidade e diversidade, encontram-se constitutivamente ligados, fazendo do subjetivo e do objetivo momentos reversíveis em uma totalidade comum.

Assim formulado, esse projeto reata com uma perspectiva que desde a *Estrutura do Comportamento* norteia as pesquisas do filósofo: o esforço de circunscrever e explicitar a

¹ Pós-Doutorando, FFLCH, USP. Supervisor: Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. E-mail: alexdcmoura@yahoo.com.br

² MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 93

³ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 89

“contradição” ontológica entre o ser para si e o ser em si, entre a atividade singular e a generalidade situacional. Como veremos, a noção do sentido como existência concreta e auto-consistente se torna então central, oferecendo-se como fusão entre esses dois planos, lógica encarnada que, por sua própria estrutura, recusa o positivismo e escapa às categorias ontológicas clássicas.

É sob esse projeto analítico que parece justificar-se o modo pelo qual Merleau-Ponty recorre à linguística de Saussure, ao mesmo tempo assumindo e contestando as posições do autor. Recusando a positividade científica e o tratamento unilateral da linguagem, sua discussão com a linguística se revela embasada em uma questão mais geral, referente à ontologia latente implicada na compreensão da linguagem:

Podemos simplesmente justapor as duas perspectivas que acabamos de distinguir – a linguagem como objeto de pensamento e a linguagem como minha? Era isso que fazia Saussure, por exemplo, quando distinguia uma linguística sincrônica da fala e uma linguística diacrônica da língua, irreduzíveis uma à outra porque uma visão pancrônica inevitavelmente apagaria a originalidade do presente (...) Então a experiência da fala nada teria para nos ensinar sobre o ser da linguagem, não teria alcance ontológico.⁴

Recusando a ausência de significação ontológica no estudo da linguagem – ausência que é, na verdade, a afirmação implícita de uma ontologia sempre pressuposta pela ciência⁵ – Merleau-Ponty concentra sua análise precisamente naquilo que a perspectiva científica ignora ou nega, a articulação entre sincronia e diacronia, a linguagem como sentido e a linguagem como objeto, procurando explicitar seus desdobramentos no campo da ontologia. Em um movimento recorrente em sua obra, o filósofo parte do interior do campo da objetividade para buscar o que nele resiste e ultrapassa suas próprias premissas; assim, recorre a Saussure ao mesmo tempo que procura o que, nele, contesta e questiona seus enunciados internos.

Desse modo, segundo ele, ainda que Saussure não tenha propriamente formulado a articulação entre sincronia e diacronia, é seu “(...) o imenso mérito de dar o passo que liberta a história do historicismo e torna possível uma nova concepção da razão”⁶ – movimentos centrais aos olhos do filósofo, precisamente aqueles que sua análise buscará desdobrar – pois ele inaugura “(...) uma linguística da fala, que deve mostrar em si, a cada momento, uma ordem, um sistema, uma totalidade sem os quais a comunicação e a comunidade linguística

⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 91

⁵ Já a *Estrutura do Comportamento* e a *Fenomenologia da Percepção* mostravam que a ciência opera tacitamente com pressupostos ontológicos.

⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 45

seriam impossíveis”⁷, deixando entrever uma coerência própria à linguagem que a impede de ser apreendida por uma história objetiva: mesmo que ao longo de suas diferentes fases históricas, os termos de uma língua recebam uma série de significações discordantes, cada um de seus momentos permanece coeso e expressivo, impossibilitando que ela seja decomposta objetivamente e reduzida a uma soma de acasos.⁸ Contra a recíproca exclusão entre o domínio sincrônico da significação e o domínio diacrônico da objetividade, a “linguística da fala” aponta para uma espécie de sincronicidade interior à linguagem, própria aos seus elementos tomados conjuntamente, explicitando já uma imbricação entre o subjetivo e o objetivo:

Em primeiro lugar, o ponto de vista ‘subjetivo’ envolve o ‘objetivo’; a sincronia envolve a diacronia. O passado da linguagem começou por estar presente, a série de fatos fortuitos que a perspectiva objetiva evidencia incorporou-se numa linguagem que, a cada momento, era um sistema dotado de uma lógica interior. Se a linguagem portanto, considerada num corte transversal, é sistema, também é preciso que o seja em seu desenvolvimento.⁹

Já sugerindo a base temporal da articulação pretendida, Merleau-Ponty indica que os fatos linguísticos, enquanto *presentes*, necessariamente se inserem em um sistema dotado de uma “lógica interna”, se compõem e se organizam segundo uma unidade intrínseca, o que torna impossível tratá-los como entidades objetivas isoláveis, bem como considerar a *passagem* de um ao outro resultado do acaso ou de uma atividade exterior. Como veremos, é por sua própria constituição que cada elemento *passa* aos outros, afirmando com eles uma totalidade espontânea. Por outro lado, o sistema assim formado não pode mais adequar-se à categoria de pura significação, revelando-se portador de fissuras por onde a facticidade, e com ela a contingência, podem inserir-se¹⁰. A tarefa implícita deixada então pela linguística¹¹ passa a ser encontrar, no devir mesmo da linguagem, em seu movimento concreto e histórico, a gênese de um sentido ele próprio contingente e aberto, inseparável de sua existência no tempo.

⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 45

⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 45, 46

⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. Sobre a fenomenologia da linguagem, in: Signos, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 92

¹⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice. Sobre a fenomenologia da linguagem, in: Signos, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 92

¹¹ MERLEAU-PONTY, Maurice. Sobre a fenomenologia da linguagem, in: Signos, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 92

Recorrendo ao exemplo da língua francesa em sua relação com o latim¹², Merleau-Ponty mostra que, por um lado, as modificações que ocorrem no interior de uma língua, o desaparecimento de uma forma e sua substituição por outra por exemplo, não ocorrem de maneira abrupta ou imotivada, como se resultassem de uma fatalidade; ao contrário, elas se dão de modo gradual, obedecem a um princípio latente e a uma demanda interna da própria língua, enquanto essa procura preservar seu poder expressivo. Se o sentido se forma na facticidade, ele precisa dela para manter-se, e longe de uma ruptura, o que os fatos e as mudanças concretas de uma língua devem oferecer é o meio pelo qual ela pode conservar-se, reafirmando sua unidade e seu sentido através do movimento que transforma esses acasos em sistema, incorporando a contingência em uma articulação mais ampla: “Temos de encontrar um sentido no próprio devir da linguagem, concebê-la como um equilíbrio em movimento (...) É assim que se forma um novo meio de expressão e que uma lógica obstinada vence os efeitos de desgaste e a própria volubilidade da língua.”¹³

Assim, se a lógica “vence” a volubilidade da língua, e a expressão se realiza – se “há sentido” –, é preciso que ao invés de opor-se a ela, essa lógica se una à contingência para torná-la expressiva, assumindo as mudanças em um movimento que não cessa diante da facticidade, mas se serve dela para manifestar-se, fazendo do dado sistema e do acaso significação; mais ainda, como veremos, se ela pode inserir-se assim no domínio dos fatos, é por ser intrínseca a esse domínio, isto é, são as próprias mudanças que configuram e sustentam essa lógica encarnada, compondo entre si um todo harmônico que revela a “astúcia” própria ao movimento expressivo.

A diacronia começa a deixar de opor-se à sincronia porque a “linguística da fala” permite reconhecer que não há um terceiro termo que, do exterior, as comporia, e sim uma relação interna entre elas, constatação de que é pela própria estruturação dos fatos que se forma sua sincronicidade. Ainda conforme o exemplo da língua francesa, se a linguagem é capaz de comunicar e de significar, é porque a eficácia do sistema expressivo provém de sua capacidade de transformar o devir em sentido, e não por permanecer atada a uma significação inequívoca que se manteria ausente de toda facticidade. Sem mudanças, sem a abertura que a torna processual, a linguagem se tornaria prisioneira de um sentido imutável, pereceria quando este caísse em desuso, incapaz de responder às demandas sempre renováveis do presente e da comunicação: o que permite à língua se conservar como força de expressão e de significação, capaz de concentrar seus diferentes elementos em um sentido comunicável, são justamente as mudanças históricas pelas quais ela passa, pois aqui a unidade do conjunto não é a identidade

¹² MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 56

¹³ MERLEAU-PONTY, Maurice. Sobre a fenomenologia da linguagem, in: Signos, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 92

estática do objeto, mas a “coerência interna” de um processo que não se separa e nem se identifica a si, estilo ou princípio constante de seu movimento de diferenciação.¹⁴

E é ainda ao próprio Saussure que Merleau-Ponty recorre para mostrar como se estrutura essa constituição recíproca entre sincronia e diacronia, buscando o que nele permite compreender a passagem do signo à significação como movimento espontâneo e interno à linguagem, atando a multiplicidade de manifestações concretas à unidade de um sentido comum que elas expressam. Seu ponto de partida – como de costume tomado a partir do pensamento objetivo – é explicitar que ao conceber o signo como elemento referencial e diacrítico, isto é, ao mostrar que ele isoladamente nada significa, que não possui um sentido próprio destacável e que ele “(...) significa apenas sua diferença com relação aos outros”¹⁵, a linguística saussuriana descobre uma comunicação interna e constitutiva entre signo e sentido.

Uma vez compreendido que o signo não é o invólucro vazio de uma ideia que existiria por si e para si – pois é apenas sua relação com os demais que o torna significativo e capaz de referir-se ao sentido –, e que correlativamente ele não dispõe de uma existência positiva e autônoma – pois depende da totalidade para se constituir em significação – torna-se impossível estabelecer uma exterioridade completa entre seu campo e aquele das significações: o sentido depende do movimento espontâneo dos signos para formar-se, e estes dependem da unidade desse mesmo movimento para se constituírem em sentido. Conceber o signo como entidade referencial implica dizer que ele, por sua própria constituição, remete e forma um conjunto ou um sistema, que ele não é senão uma certa referência aos demais e, no limite, ao todo, e que cada signo só se realiza através de horizontes que o fazem necessariamente atado à totalidade da língua; espontaneamente ele se articula aos demais e a um sentido que lhes é próprio.

A significação não provém do exterior, de uma consciência que a depositaria nos signos, mas se forma neles próprios, pela abertura e pela estrutura que os constitui como sistema e unidade. Desse modo, tomar o signo como essencialmente diacrítico implica reconhecer, por um lado, um tipo de atividade que lhe é própria, uma organicidade ou uma lógica espontânea que o impede de ser tratado como simples designação, e, por outro, uma espécie de encarnação do sentido, não mais um puro pensamento, mas inseparável de sua configuração concreta. Equivale, assim, a recusar a positividade de ambos, já que o que constitui o signo é sua abertura aos outros, sua não coincidência ou não identidade, assim

¹⁴ Em nossa leitura, a compreensão de uma unidade que se estrutura por meio de sua dinâmica auto-diferencial é um dos eixos centrais da ontologia de Merleau-Ponty.

¹⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. Sobre a fenomenologia da linguagem, in: *Signos*, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 94

como o que constitui o sentido é essa unidade aberta e processual, essa referência espontânea entre as partes.

A linguagem revela-se, pois, portadora de uma espécie de “interioridade”, essa consistência própria que faz com que seu sentido dependa de um movimento que lhe é intrínseco, organização e lógica que não lhe vêm do exterior, configurando seu modo de ser próprio: como afirma Merleau-Ponty, ela não é senão um poder de diferenciação¹⁶, um modo constante e regulado de trabalhar a relação entre os signos, eles próprios entidades diacríticas:

A intuição de Saussure se precisa: com as primeiras oposições fonêmicas a criança inicia-se na ligação lateral do signo com o signo como fundamento de uma relação final do signo com o sentido (...) É porque é de imediato diacrítico, é porque se compõe e se organiza consigo mesmo, que ele tem um interior e acaba por reclamar um sentido.¹⁷

O sentido emerge no todo da língua, espontaneamente, porque cada elemento é uma diferenciação dos outros e, por isso mesmo, a afirmação implícita da unidade do conjunto. Trata-se assim, como indicamos acima, de um sentido em devir, que não existe para si de modo imediato e explícito, mantendo-se inseparável do movimento *unitário e temporal* pelo qual os signos compõem-se e diferenciam-se uns dos outros; sempre lidamos com “arquiteturas de signos” cuja significação não pode ser posta à parte, já que ela não é senão “(...) a maneira pela qual aqueles se comportam um em relação ao outro, pela qual se distinguem um do outro.”¹⁸

Essa vinculação do sentido a um contexto de signos que o insere na história e no tempo faz da ideia da verdade como posse absoluta e identidade algo impossível. Mas tratam-se ainda, insiste o filósofo, de verdades e de significações, e a linguagem como diferenciação não conduz ao relativismo – tão caro ao pós-modernismo, cujo projeto entretanto permanece estranho a Merleau-Ponty –, pois aqui a diferença é o que afirma e preserva a unidade do todo, garantindo a coesão estrutural e originária de seus elementos:

(...) se é a relação lateral do signo com o signo que torna ambos significantes, o sentido só aparece na intersecção e como que no intervalo das palavras. Isto

¹⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 54, 55

¹⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio, in: *Signos*, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 41

¹⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio, in: *Signos*, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 42

nos proíbe conceber, como estamos situados, a distinção e a união da linguagem e de seu sentido.¹⁹

Nem transcendente como um pensamento puro e nem imanente como uma significação pré-determinada, o sentido não está propriamente na linguagem e nem fora dela, nem inteiramente presente e nem inteiramente ausente do signo, oferecendo-se como essa espécie de diferenciação interna da totalidade. Por um mesmo movimento, ele se une e se distingue dos signos: se une, pois agora ele não é senão sua configuração concreta, sua unidade espontânea; se distingue, pois essa unidade permanece aberta e processual, não sendo dada em parte alguma, apenas se deixando entrever como “polo latente” ou “vazio determinado”, isto é, como uma espécie de negatividade circunscrita, ausência determinada e operante. Explicitando sua reconfiguração ontológica, o sentido deixa de estruturar-se positivamente, de afirmar-se como Ser puro, inteiramente determinado e desdobrado, passível de destacar-se para fora e para além da linguagem – correlato à suposta negatividade de uma subjetividade que o constituiria inteiramente. Ao contrário, ele se forma precisamente no que *nela* se afirma como diferença, nem posto como um objeto e nem ausente como uma idealidade. *Negação determinada* ou diferença interna à linguagem, ele não pode portanto ser nem um puro Ser e nem um puro Nada, situando-se aquém do dualismo da ontológica clássica.

Entre ele e o signo o que se estabelece agora é um único movimento de diferenciação que afirma ao mesmo tempo a singularidade de cada signo e a generalidade do sentido, a diferença e a unidade tornadas reciprocamente constitutivas, uma implicando estruturalmente a outra: sendo cada signo uma certa diferenciação do todo, o afastamento interno trazida por ele, ao mesmo tempo que modifica, reafirma a totalidade, sua diferença repercute nos demais e não o separa deles.

Desse modo, na unidade processual que a análise da linguagem começa a desvendar, sentido e existência não podem mais ser opostos como termos exclusivos e independentes, apontando ao contrário para a necessidade de uma compreensão ontológica que não opere com a cisão entre o subjetivo e o objetivo. Inseparável da contingência, o sentido perde sua positividade, torna-se lacunar e processual, atado à configuração concreta em que se realiza. Afasta-se, assim, a possibilidade da língua e do sentido como objetos ideais, postos por um sujeito desengajado; correlativamente, a subjetividade perde seu poder constituinte absoluto e se vê agora em relação com um sentido que não se deixa abarcar, que não se oferece de modo translúcido ou objetivo, portador de uma consistência própria que lhe escapa. Imersa no mundo e no tempo, por eles estruturada, a lógica orgânica operante na linguagem não pode

¹⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio, in: Signos, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 42

pretender-se eterna ou acabada, não pode ser um objeto inteiramente determinado, pois o que a forma não é o trabalho subjetivo de constituição, e sim esse movimento originário que antecede e desconhece a cisão entre o subjetivo e o objetivo:

(...) as palavras, as formas mesmas, para uma análise orientada como essa, logo aparecem como realidades segundas, resultados de uma atividade de diferenciação mais originária. As sílabas, as letras, os torneios e as desinências são os sedimentos de uma diferenciação que, desta vez, precede sem dúvida nenhuma a relação entre signo e significação, pois é ela que torna possível a distinção mesma dos signos: os fonemas [...] nos fazem assistir, por baixo da linguagem constituída, à operação prévia que torna simultaneamente possíveis a significação e os signos discretos.²⁰

Uma vez compreendido, como ensina a linguística de Saussure, que os signos – e mesmo antes deles, os fonemas, elementos primários da língua – não são senão diferenças no interior de uma unidade necessariamente implicada por eles; que essa unidade, por isso mesmo, dispõe de uma lei intrínseca e um sentido que não são o da identidade, mas precisamente o da mudança e do movimento, da passagem ao outro e da referência para fora de si, a concepção dualista do signo e do significado perde sua legitimidade. Enquanto diferenciação, a linguagem significa criando um universo cuja unidade provém da lógica operante em suas transformações, do sentido constante implicado por suas mudanças²¹. Há unidade porque a diferenciação interna afirma uma coerência e uma organicidade do conjunto; há diferença, porque esse conjunto afirma-se por auto-descentramento. Aquém da linguagem constituída, da cisão entre signos objetivos e significações subjetivas, há uma dimensão pré-objetiva em que a linguagem opera discriminando entidades elas próprias opositivas e diacríticas, isto é, há uma dimensão em que ela é pura diferenciação²² – mas uma diferenciação orientada, dotada de uma lógica interna, e por isso mesmo capaz de construir para si um mundo e uma totalidade articulados, de fazer existir um sentido e uma significação originários.

²⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 55, 56

²¹ “O que aprendemos com Saussure foi que os signos um a um nada significam, que cada um deles exprime menos um sentido do que marca um desvio de sentido entre si mesmo e os outros. Como se pode dizer o mesmo destes, a língua é feita de diferenças sem termos, ou mais exatamente, os termos nelas são engendrados apenas pelas diferenças que aparecem entre eles” (MERLEAU-PONTY, Maurice. *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*, in: *Signos*, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 39)

²² “(...) Uma língua é menos uma soma de signos (...) do que um meio metódico de discriminar signos uns dos outros, e de construir assim um universo de linguagem (...) Falar não é ter à disposição um certo número de signos, mas possuir a língua como princípio de distinção.” (MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 54,55).

Longe de qualquer realismo clássico, o que responde aqui pela significação da linguagem não é sua adequação a uma realidade objetiva ou sua capacidade de designar um pensamento que existiria para si, mas sua dinâmica e sistematicidade próprias, a solidez com que estrutura um todo coerente e harmônico:

(...) a linguagem não pressupõe sua tabela de correspondências, ela mesma desvela seus segredos, ensina-os a toda criança que vem ao mundo, é inteira mostra. Sua opacidade, sua obstinada referência a si mesma, suas retrospectões e seus fechamentos em si mesma são justamente o que faz dela um poder espiritual: pois torna-se por sua vez algo como um universo capaz de alojar em si as próprias coisas – depois de as ter transformado em sentido das coisas.²³

A linguagem deixa de ser decalque de algo exterior porque ela é agora a operação mesma pela qual se forma uma unidade dotada de consistência e articulação próprias, estruturação de um sentido cuja coerência provém de sua configuração concreta. Longe de um meio ao qual a significação recorreria para se exprimir, ela revela-se uma espécie de “poder espiritual”, capaz de fazer do sentido existência e da existência sentido: “Muito mais do que um meio, a linguagem é algo como um ser, e é por isso que consegue tão bem tornar alguém presente para nós.”²⁴ Tomada por Merleau-Ponty em sua dimensão ontológica, a linguagem se afirma como um Ser, capaz de instaurar presença, existência concreta que espontaneamente conduz ao sentido e vice-versa, recusando portanto a clássica oposição entre o objetivo e o subjetivo, entre o em si e o para si. O Ser descrito pelo filósofo é aquele que se faz pela passagem de um ao outro, “significação” ou “lógica” encarnada responsável por uma síntese que necessita da abertura para constituir-se em unidade. Ele não é, portanto, nem objeto e nem sujeito, mas uma unidade significativa que se realiza como auto-diferenciação, conformação de cada um de seus elementos a uma articulação mais ampla, atando o singular a uma generalidade que o ultrapassa mas que depende dele para encarnar-se.

Desse modo, cabe reconhecer que a linguagem não pode mais atuar como representação – noção central na ontologia clássica que pressupõe a exterioridade dos termos com os quais opera –, e sim como transformação do signo em significado, dinâmica que refere a parte ao todo e cria com isso uma unidade dotada de sentido próprio; mais precisamente, cabe reconhecer que ela significa transformando-se ela própria nesse sentido e nessa

²³ MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio, in: Signos, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 43

²⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio, in: Signos, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 43

totalidade, fazendo-os existir. A verdade da expressão não se encontra em sua adequação ao exprimido, porque aqui um e outro permanecem atados, a expressão é a realidade do exprimido, sua existência, bem como o exprimido é o que articula a expressão. A linguagem se torna o sentido em questão, assume fazendo existir como realidade a significação para a qual se abre, não como objeto, mas como unidade comum de seus elementos:

(...) a linguagem nunca diz nada, ela inventa uma gama de gestos que apresentam entre si diferenças suficientemente claras para que a conduta da linguagem, à medida que se repete, se recorta e se confirma ela própria, nos forneça de maneira irrecusável a feição e os contornos de um universo de sentido.²⁵

Assim, se Merleau-Ponty pode afirmar que a linguagem é um Ser, é porque, antes da oposição entre signo e significação, ela se revela como a passagem espontânea pela qual o sentido torna-se existência e a existência torna-se sentido, ou seja, ela revela-se como uma unidade em que o para si e o em si formam um todo orgânico, inseparável e uníssono, em que signo e significado não podem dissociar-se, formando um sentido que não é senão a constância ou a coerência implicada pelas condutas de seus elementos estruturais. Se a linguagem “não diz nada”, é porque não pode mais haver entre ela e o sentido qualquer tipo de designação, uma vez que ela torna-se a própria aparição ou a presença indireta da significação. Assim, ao explicitar sua dimensão ontológica, o que a linguagem revela é essa fusão entre matéria e espírito, *estrutura* que faz a significação *ser no mundo*. Ela recusa a oposição das ontologias clássicas porque se coloca num plano anterior ao delas: seu sentido se oferece espontaneamente pela articulação interna aos signos, forma um Ser cuja significação decorre de sua auto-diferenciação e de seu descentramento, unificado porém por uma lógica interna, concreta e operante, que escapa tanto às categorias do sujeito quanto às do objeto.

Ela impossibilita assim que se conceba o pensamento e a consciência como instâncias autônomas, a situação sem significação e o sentido sem existência. Se não há significação que se ofereça inteiramente e sem qualquer vínculo com os signos, não há uma instância separada em que o pensamento e o sujeito se formariam e se reconheceriam de modo absoluto; correlativamente, não há um lugar em que a significação se realizaria completamente, em que assumiria a inteira determinação do objeto. Assim como a noção de sentido passa por uma reconfiguração quando se reconhece esse Ser espontâneo de que a linguagem dá testemunho, também a noção de sujeito não poderá manter-se intacta.

²⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p.36

Se é verdade que a linguagem parece nos conduzir às próprias coisas ou ao próprio sentido, se temos a sensação de alcançar diretamente o pensamento daquele que fala, isso não ocorre porque ela seria o índice de significações já dadas em um universo inteligível, veículo de pensamentos determinados²⁶ que reafirmariam o dualismo clássico. Ao contrário, isso se deve, como vimos, à sua própria operação, e longe de implicar uma subjetividade transcendental e uma objetividade pura, o que esse movimento revela é um sujeito capaz de inserir-se em uma dinâmica que o ultrapassa e que não provém de si. Compreendido que a síntese é interna à linguagem, que a articulação dos fenômenos é um movimento espontâneo realizado por sua existência concreta e, finalmente, que o sentido assim formado permanece aberto e intencional, torna-se necessário reconhecer que a subjetividade que apreende esse sentido não pode mais ser considerada uma esfera autônoma e constituinte, pura posição do objeto, dispondo necessariamente de uma abertura àquilo que lhe é outro:

A psicologia nos faz redescobrir com o ‘eu falo’ uma operação, relações e uma dimensão que não são as do pensamento (...) Já ‘eu penso’ significa: há um certo lugar chamado eu, onde fazer e saber que se faz não são diferentes, e o eu se confunde com sua própria revelação, onde portanto nenhuma intrusão do exterior é sequer concebível. Esse eu não poderia falar. Aquele que fala entra num sistema de relações que o supõem e o tornam aberto e vulnerável.²⁷

Retomando uma das questões centrais na análise merleau-pontyana sobre a linguagem, sua “interioridade” recusa a subjetividade transcendental pura, assegurando a relação com a alteridade como dimensão originária de um homem para quem o sentido apresenta-se sempre em um movimento de pré-constituição. Não se trata, porém, do reconhecimento de uma abertura ao *absolutamente* outro, pois ao considerar a subjetividade não como “eu penso” e sim como “eu falo”, o filósofo recusa uma vez mais a distinção completa entre linguagem e subjetividade, existência e significação, reconhecendo “(...) a situação confusa e irritante de um ser que é aquilo de que fala”, ou seja, a consistência própria à linguagem não a opõe ao sujeito porque também ele é linguagem, e aqui, ao invés da mútua exclusão, será novamente a noção de diferença que relacionará os termos envolvidos.

Se o signo não é mais o objeto no qual a subjetividade se reconhece, mas a abertura ou a referência a uma unidade espontânea e latente que lhe é constitutiva, o próprio sujeito deixa de poder definir-se como identidade, pois sua inserção na linguagem

²⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio, in: Signos, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 27, 28

²⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio, in: Signos, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 39

o torna participante desse movimento e dessa abertura internos que conduzem sempre para fora e para o que é outro. Do mesmo modo como a significação do percebido, ao estruturar-se espontaneamente na unidade do tempo e do mundo, revelava uma dimensão aberta e generalizada do sujeito, também aqui a consistência própria ao sentido implica o descentramento daquele que o reconhece:

O eu que fala está instalado em seu corpo e em sua linguagem não como numa prisão, mas, ao contrário, como num aparelho que o transporta magicamente à perspectiva do outro (...) Não há fala (e em última instância personalidade) senão para um 'eu' que traz em si esse germe de despersonalização. Falar e compreender não supõem somente o pensamento, mas, de maneira mais essencial e como fundamento do próprio pensamento, o poder de deixar-se desfazer e refazer por um outro atual, por vários outros possíveis e, presumivelmente, por todos.²⁸

O que a linguagem testemunha não é o trabalho constituinte de uma consciência fechada sobre si, mas a abertura orgânica do eu, seu descentramento e vulnerabilidade como estruturas originárias de uma existência na qual o sentido “brota” espontaneamente de seu comércio com aquilo que lhe é outro. Reencontramos, assim, um eixo nuclear para Merleau-Ponty: a afirmação da consistência própria ao sentido, e seu correlato desdobramento como abertura do sujeito (que se reconhece portador de uma dimensão situacional e passiva) e do objeto (que se revela portador de uma dimensão dinâmica e ativa). Sua análise da linguagem conduz assim da atividade sintética do eu a um tipo de síntese de emparelhamento ou de transição²⁹, operante espontaneamente no próprio “objeto”, e que recusa por isso mesmo a possibilidade de uma objetividade e de uma subjetividade puras. A gênese do sentido deixa de se resguardar em uma esfera subjetiva autônoma, para mostrar-se operante no campo até então considerado desprovido de significação própria, o campo da matéria e da multiplicidade, do devir e da mudança.

Enfim, é a própria ontologia clássica, em sua pretensão de estabelecer a cisão entre sujeito e objeto, o signo e a significação, que aparece posta em questão pelo estudo de Merleau-Ponty sobre a linguagem. O reconhecimento do caráter diacrônico da estruturação dos signos, sua referência intrínseca a um sentido que não pode abandonar a existência concreta, mas que a organiza e significa, revela a transição interna que antecede a cisão entre os termos até então considerados opostos, explicitando uma unidade espontânea que se faz

²⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 41, 42

²⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 41, 42

por seu próprio movimento interno de diferenciação. Desse modo, na análise merleau-pontyana da linguagem, é a estrutura mesma do Ser que é trazida ao primeiro plano, no embate com os paradigmas dualistas da Tradição.

BEING AND LANGUAGE IN MERLEAU-PONTY

Abstract: In this article, we will try to show that there is an ontological dimension implied by Merleau-Ponty's language analysis, based on his intention to show a structure of Being in which logic and contingency, unity and diversity, are constitutively connected, making the subject and the object reversible moments in a common totality.

Key-words: Being – language – ontology.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MERLEAU-PONTY. M. *La Nature*, Paris: Seuil, 1995

_____. *La Prose du Monde*, Paris: Gallimard, 1969

_____. *La Structure du Comportement*, Paris: PUF, 1967

_____. *Le primat de la perception*, Paris: Verdier, 1996

_____. *Le Visible et le Invisible*. Paris: Gallimard, 1964

_____. *Les Aventures de la Dialectique*, Paris: Gallimard, 1955

_____. *L'Oeil et L'Esprit*, Paris: Gallimard, 1964

_____. *Merleau-Ponty à la Sorbonne. Résumés de Cours 1948-1952*, Grenoble; Cynara. 1988

_____. *Parcours*, Lagrasse: Verdier, 1997

_____. *Phénoménologie de la Perception*, Paris: Gallimard, 1997

_____. *Sens et non Sens*, Paris: Gallimard, 1997

_____. *Signes*, Paris: Gallimard, 1968